

A Recepção Controversa de Amy Allen e Robin Celikates da Releitura Habermasiana da Psicanálise de Freud

Paula Mariana Rech

Mestranda em Filosofia [UFRGS]

Bolsista CAPES

paula.mariana.rech@gmail.com

Resumo: O presente trabalho aborda, em sentido amplo, o papel ocupado pela psicanálise na obra *Conhecimento e Interesse*, publicada por Jürgen Habermas em 1968. O objetivo central é demonstrar como Habermas utiliza a psicanálise como um método crítico particular, propondo sua releitura como uma forma de discurso hermenêutico. Em face disso, a psicanálise representa uma peça fundamental na suplantação de entraves positivistas ao desenvolvimento da crítica do conhecimento, explicitando um tipo de “interesse emancipatório” inerente à identificação e ao transcender de patologias sociais. Esse projeto habermasiano, entretanto, não se impõe sem dificuldades. Nesse sentido, é importante mencionar a obra *Critique on the couch: why critical theory needs psychoanalysis* (2020), na qual Amy Allen defende a necessidade de revisar a leitura habermasiana da psicanálise. Ao focar na inteligibilidade de conteúdos simbólicos e na recomposição de relações comunicativas distorcidas, Habermas teria solidificado uma interpretação da psicanálise unilateralmente racionalista, a qual, à luz da interpretação de Allen, contrasta o projeto inicial freudiano de encontrar na psicanálise as bases para um processo com vistas a uma possível emancipação. Por motivos opostos, Robin Celikates, em *Kritik als soziale Praxis. Gesellschaftliche Selbstverständigung und kritische Theorie* (2009), defende o modelo encontrado na obra habermasiana como capaz de evitar um objetivismo sociológico que ignora a autocompreensão dos agentes, assim como os limites de uma perspectiva hermenêutica preocupada estritamente com a dotação de sentido entre agentes socialmente inseridos, sem se perguntar por suas restrições sociais. Essa controvérsia entre Allen e Celikates marca a atualidade dos debates sobre a recepção de *Conhecimento e Interesse*, revelando-se como um capítulo-chave nas rearticulações do campo filosófico no qual a obra está inserida.

Palavras-chave: Psicanálise; Hermenêutica; Autorreflexão; Patologias Sociais; Positivismo.

Introdução

A obra *Conhecimento e Interesse* nasce em meio a um conflito com o positivismo. Publicada por Jürgen Habermas em 1968, um de seus principais objetivos é dar continuidade ao debate de que o positivismo teria como principal premissa “a denegação da experiência de reflexão no âmbito da teoria do conhecimento” (REPA, 2014, p. 14), buscando um conhecimento objetivo da realidade social aos mesmos moldes das ciências naturais, neutralizando com isso a necessidade filosoficamente fundada de autorreflexão e crítica epistemológica. Nessa obra, Habermas se apropria da psicanálise como um instrumento metódico para a elaboração de sua crítica ao positivismo, no qual ele confronta tanto as ciências empírico-analíticas da natureza quanto as ciências hermenêuticas

da história, opondo à autocompreensão objetivista desses campos disciplinares um modelo de autorreflexão inspirado pela cura analítica (CARRÉ; ALVARENGA, 2008).

Dessa forma, Habermas procura abordar, implícita ou explicitamente, temas caros à tradição frankfurtiana, como a reflexão voltada à prática, a crítica da cultura, a ideia de uma razão emancipatória e a denúncia do positivismo e de formas patológicas de reprodução social, tendo por intenção fornecer maior plausibilidade aos postulados da teoria crítica. Além disso, ele se detém ao projeto de uma crítica da ideologia que, ao nível teórico, seria uma crítica do saber, destinada a desmascarar a autoilusão objetivista da ciência; ao nível da *práxis*, seria uma crítica da cultura, destinada a desmascarar as legitimações ideológicas que inibem a percepção das estruturas da comunicação sistematicamente deturpada (ROUANET, 2001).

Habermas, então, baseia-se nos pilares psicanalíticos a fim de postular sua hermenêutica crítica, pois eles lidam diretamente com o surgimento das patologias sociais (REPA, 2014). Visto que Habermas pretende reconstruir uma hermenêutica voltada a orientar os processos de autoconhecimento e emancipação dos bloqueios de acesso de um sujeito ao seu próprio material inconsciente, a hermenêutica crítica postulada por ele tem por fito salientar o papel central que a autorreflexão exerce na superação de um contexto de dominação, ou seja, na tradução de um modelo psicanalítico de clínica individual para um modelo mais amplo de crítica às patologias sociais. Entretanto, o modo específico como as distorções comunicativas de autoelaboração do sujeito seriam traduzidas aos termos de um modelo crítico de mais amplo alcance, orientado à identificação e superação de patologias sociais de caráter estrutural, permanece pouco claro ao longo da obra, sendo apenas indicado como objetivo maior de um projeto teórico em andamento. É também sobre esse ponto que recaem algumas das objeções mais contundentes feitas à obra.

Neste sentido, é importante mencionar as obras *Kritik als soziale Praxis. Gesellschaftliche Selbstverständigung und kritische Theorie*, publicada em 2009, por Robin Celikates, e *Critique on the couch: why critical theory needs psychoanalysis*, publicada em 2020, por Amy Allen. Em *Kritik als soziale Praxis*, Celikates defende o modelo encontrado na obra habermasiana e desenvolve uma crítica reconstrutiva que, análoga à psicanálise, proporcione efetivamente uma crítica das patologias sociais que impossibilitam aos próprios atores sociais perceber as relações de dominação às quais são subjugados, tornando possível a defesa de um modelo de crítica social, que ele chama de diálogo entre teóricos e participantes. Já na obra *Critique on the couch*, Allen defende, por outro lado, a necessidade de revisar a leitura habermasiana e sua interpretação da psicanálise como modelo de análise social contido na obra *Conhecimento e Interesse*. Segundo a autora, o método crítico desenvolvido por Habermas, em *Conhecimento e Interesse*, enxergaria a psicanálise como um processo de iluminação que funciona por meio de uma reflexão crítica e racional. Todavia, cabe ressaltar que, embora algumas críticas tenham sido feitas à teoria habermasiana e algumas perguntas cabíveis ainda não sejam respondidas por Habermas com suficiente exatidão (GADAMER, 1997), podemos dizer que *Conhecimento e Interesse* é um livro que mantém sua importância renovada no meio filosófico atual.

1. A Psicanálise Como Método Hermenêutico Crítico

Jürgen Habermas, em *Conhecimento e Interesse*, dedica-se aos estudos clínicos de Freud e busca interpretá-los como um capítulo-chave na trajetória da reflexão filosófica dedicada aos processos de autocompreensão subjetiva e seus bloqueios característicos (HABERMAS, 1968). A leitura habermasiana, cabe dizer, não apenas inscreve a psicanálise como parte da herança hermenêutica, mas busca reconhecer sua especificidade como um modo particular e original de “hermenêutica crítica” munida de um “interesse emancipatório” (REPA, 2014, p. 22), acessando com isso o liame entre o processo de autoconhecimento e suas restrições sociais, por intermédio de um método

clínico dedicado à identificação de bloqueios sistemáticos no acesso às próprias experiências subjetivas.

A concepção hermenêutica da psicanálise pode ser vista como uma defesa epistemológica da psicanálise clínica. Essa defesa tem como tese principal o fato de que a psicanálise explica o comportamento de uma pessoa dando as razões dessa pessoa, e não as causas para tal comportamento. (BELO, 2003, p. 235)

A interpretação da psicanálise como uma hermenêutica crítica não se limita apenas ao pensamento expresso em linguagem escrita, mas inclui a linguagem de gestos corporais e manifestações psíquicas, como os atos falhos, os equívocos e os sonhos, que podem se manifestar de diferentes modos, dentre eles, encontramos os casos de esquecimento, lapsos de fala, de escrita, de leitura e de entendimento. Esses distúrbios internos são indícios que expressariam aqueles sentimentos latentes que estão alheios ao paciente, por estarem no inconsciente, embora o pertençam.

Os símbolos segregados e os motivos repelidos desdobram seu poder por cima das cabeças dos sujeitos e forçam a satisfações e simbolizações substitutivas. Dessa maneira, eles distorcem o texto dos jogos de linguagem cotidianos e fazem-se notar como distúrbio das interações avessadas: por meio da compulsão, da mentira e da incapacidade de corresponder expectativas convertidas em obrigações. (HABERMAS, 1968, p. 380)

O recalque desses conflitos internos funciona como certa exclusão das nossas pulsões que fragmenta e deturpa as situações de latência e trauma de cada sujeito, não seguindo as regras comunicativas dadas como normais — como as narrativas lineares —, a fim de haver uma interpretação clara a respeito dos seus próprios conflitos. Essa parte inacessível ao paciente é fruto de uma pressão de resistência, que é responsável por tornar a comunicação entre analista e analisando obscura. A resistência, para Habermas (1968), representa, portanto, um indício de conflito interno, um conflito entre duas forças, entre duas partes, isto é, a parte da nossa *psique* que deseja manifestar algum conteúdo latente recalçado, e outra força, outra parte que deseja continuar restringindo, recalçando esses sentimentos e lembranças, ou seja, a resistência é ao inconsciente, ou melhor, ao desejo latente inconsciente.

É preciso haver uma força que quer expressar algo e uma outra que teima em não admitir essa manifestação. [...] Em um ponto pode ser que uma força consiga impor o que ela queria dizer, em outro ponto a instância resistente tem sucesso em extinguir por completo a comunicação intencionada ou substituí-la por algo que não revela nenhum sinal dela. (FREUD, 1940- 1952, pp. 14-15)

Dessa forma, Thomas McCarthy (1985) explica que a fórmula do *território estrangeiro interno*, cunhada por Freud, serviria para capturar o caráter dual deste novo domínio, que se refere à alienação de algo que ainda é muito próprio ao sujeito. Essa fórmula serviria para explicar que, muitas vezes, os sentimentos latentes de cada sujeito lhes causam tanta dor que, por isso, alienam-se em territórios psíquicos tão profundos, que nem mesmo os próprios sujeitos conseguem distinguir, encontrar ou mesmo entender seus sentimentos expressos através da comunicação. Não basta ainda compreender esses fragmentos internos, deve-se também compreender a razão pela qual esses sentimentos foram recalçados e, por consequência, aparecem como fragmentos, ou seja, compreender não apenas o sentido de um texto ou a comunicação possivelmente deturpada, mas o sentido da própria deturpação deles. Dessa maneira, Habermas (1968) enxerga o papel da psicanálise como uma ferramenta que objetiva remover os bloqueios da resistência psíquica, fazendo com que essa representação traumática retorne à consciência.

Contudo, é por meio do ato autorreflexivo, que acontece sob as condições de uma comunicação entre analista e analisando, que o paciente se torna interessado pelo próprio autoconhecimento, representando o ponto de partida para que haja uma possível superação do sujeito ante as coerções das instituições sociais com formas patológicas, dando início à reconquista de seu território estrangeiro interno (ROUANET, 2001). Trata-se, então, de tornar o inconsciente acessível ao consciente.

Desse modo, a psicanálise permitiria não apenas evitar certos limites “tradicionalistas” contidos na herança hermenêutica clássica, mas oferecer orientações importantes ao desenvolvimento de um modelo de crítica social, capaz de ser dirigido tanto às inibições da autocompreensão subjetiva quanto a patologias sociais de caráter intersubjetivo — entendidas como estruturas da comunicação sistematicamente deturpadas (HABERMAS, 1968; ROUANET, 2001).

2. A Recepção de *Conhecimento e Interesse* pela Quarta Geração da Teoria Crítica

Recentemente têm sido publicados diversos textos que apontam para o surgimento de uma nova geração de teóricos críticos, o que se tem convencido chamar de “quarta geração da teoria crítica”. Embora Habermas continue sendo uma das principais referências aos integrantes desta nova geração, há certo consenso de que ele não teria conseguido “desenvolver um diagnóstico suficientemente complexo das patologias sociais nem uma teoria capaz de criticá-las adequadamente” (BRESSIANI, 2016, p. 231). Isso se torna mais claro quando falamos sobre dar conta das carências que são identificadas nas obras de Habermas. É aqui, portanto, que “alguns teóricos tentam repensar os fundamentos da crítica social e elaborar, a partir deles, novos modelos de teoria crítica” (BRESSIANI, 2016, p. 231).

Neste contexto, Robin Celikates publicou um dos mais importantes livros sobre os fundamentos da Teoria Crítica dos últimos anos, intitulado *Kritik als soziale Praxis. Gesellschaftliche Selbstverständigung und kritische Theorie* (2009). Enquanto Habermas centra-se na reconstrução da estrutura normativa da interação social, Celikates, por outro lado, parece deslocar-se à elaboração de uma crítica em cujo cerne está a preocupação com as patologias que perpassam a interação social. Assim, Celikates parece defender que o foco da teoria crítica deve estar na crítica das normas, valores e instituições sociais de caráter ideológico (BRESSIANI, 2016). É também nesta obra que Celikates, por meio da discussão habermasiana sobre a psicanálise, defende uma crítica reconstrutiva que, análoga à psicanálise, proporcione efetivamente uma crítica das patologias sociais que impossibilitam aos próprios atores sociais perceber as relações de dominação às quais são subjugados, uma vez que, em muitos contextos sociais, as condições necessárias para que eles possam exercer suas capacidades reflexivas para diagnosticar a absolutização do poder não estão dadas (BRESSIANI, 2016).

Retomando a exegese de Habermas sobre Freud, Celikates propõe que durante a situação analítica ocorre um processo reconstrutivo, pois a compreensão efetiva da gênese das patologias que acometem o paciente requer não só que o analisado simbolize sua história de vida ao trazer sonhos e relatos fragmentados mais espontâneos, mas também que o analista investigue os significados inacessíveis de antemão — porque foram esquecidos ou reprimidos — de modo a estabelecer nexos causais entre si, visando explicar os mecanismos que distorcem o ato de rememoração e tecer uma narrativa mais coerente capaz de dar sentido à experiência vivida. A teoria crítica se torna, portanto, não mais que um momento do movimento de autorreflexão dos próprios atores e de transformação de práticas embrutecidas por condições coercitivas, visto que já não cabe mais a atitude afirmativa em torno das condições ideais da vida social, mas identificar dialogicamente as condições inaceitáveis a partir da perspectiva dos agentes sociais, atualizando a autocompreensão ordinária sob formas deliberadas. (LOURO, 2020, p. 193)

Recentemente, Habermas foi questionado em sua leitura da hermenêutica filosófica e em sua interpretação da psicanálise como modelo de análise social. *Conhecimento e Interesse* volta a ganhar o centro dos debates metodológicos no interior da Teoria Crítica, com a mais recente obra de Amy Allen, *Critique on the couch: why critical theory needs psychoanalysis* (2020). Nesta obra, Allen se baseia em Freud e em Klein a fim de desenvolver uma linha mais realista de pensamento psicanalítico, contrariando as interpretações excessivamente racionalistas e progressistas da psicanálise.

A autora argumenta que, mais que se voltar às pesquisas psicanalíticas a fim de conceder uma explicação minimamente plausível a respeito de por quais razões as massas escolheram o fascismo em vez da revolução comunista, por exemplo, a Escola de Frankfurt, desde seu início, voltou-se à psicanálise a fim de desenvolver um modelo de método crítico. Nessa obra, Allen explica que talvez o legado mais importante da tradição da Escola de Frankfurt seja exatamente o seu método crítico. No seu entender, a percepção metodológica central dessa tradição, o que a distingue tanto da teoria ideal quanto do realismo político, é que ela se entende como enraizada e constituída por uma realidade social, cultural, histórica e política existente, que é permeada por relações de poder – relações que, no entanto, a teoria crítica visa criticar racional e reflexivamente.

Isso significa que a teoria crítica lida desde o início com a tensão essencial entre poder e razão e, além disso, com o risco de que qualquer tentativa de resolver essa tensão em uma direção ou outra equivale a uma perda de perspectiva crítica. A teoria crítica nos desafia a identificar fontes imanentes de *insight* normativo que podem abrir possibilidades para uma crítica e *práxis* transformadoras no presente. No entanto, a teoria crítica é mais que uma tradição intelectual que articula um método específico; existe também o objetivo prático e político da emancipação. Nos primeiros anos da Escola de Frankfurt, a emancipação significava, antes de tudo, a superação das estruturas de opressão e alienação características do capitalismo tardio. A teoria crítica contemporânea se esforça para ampliar seu alcance para a teoria e a prática da emancipação de outras formas de dominação também — incluindo, o sexismo, heterossexismo, racismo etc. — mas sem desistir da crítica do capitalismo.

Dessa maneira, é na obra habermasiana que a ideia de modelar a teoria crítica ao método psicanalítico recebe um desenvolvimento mais explícito e sistemático (ALLEN, 2020). Allen constrói seu argumento, afirmando que, em *Conhecimento e Interesse*, Habermas retoma a analogia entre psicanálise e metodologia da teoria crítica, em uma tentativa de transformá-la em uma visão racionalista, passando de uma concepção do método psicanalítico crítico, baseado em fragmentos da experiência, para uma concepção baseada no que ela chama de “poder motivacional do *insight* racional” (ALLEN, 2020), atribuído a um modelo de comunicação, algo que, para a autora, funciona como uma interpretação falha da psicanálise, devido ao fato do relato habermasiano a respeito da psicanálise priorizar conceitual e temporalmente o papel da interpretação linguística e do *insight* racional no processo de autorreflexão.

Dessa forma, no relato de Habermas, embora a psicanálise comece com um desejo sentido de mudança, que impele os sujeitos a entrarem na análise e — pelo menos idealmente — leve a uma transformação prática dos afetos e motivações do analisando, o trabalho transformador é feito por um *insight* analítico. O interesse pré-teórico e antropológicamente profundo do analisando no autoconhecimento pode ser o que o atrai para a análise, mas o relacionamento analítico é entendido, em termos comunicativos, como facilitador de um processo de iluminação que, por sua vez, leva a uma autorreflexão e autocompreensão intensificadas (ALLEN, 2020).

Com base nessa interpretação da psicanálise, Habermas oferece uma concepção análoga da crítica como diagnóstico e cura de patologias sociais. Como a psicanálise, a crítica começa e termina com uma necessidade sentida de mudança prática — o desejo de mudança social obriga os indivíduos a se engajarem na crítica, e o *insight* obtido por meio da crítica, quando mediado por lutas políticas por mudança institucional, (idealmente) leva à transformação prática, mas funciona, se e quando funcionar, por meio do *insight* racional. (ALLEN, 2020, p. 56)

Portanto, a crítica torna-se o processo de autorreflexão metódica aplicada ao nível do todo social; é a tentativa de restaurar um diálogo interno mutilado dentro de uma sociedade, restaurando a comunicação pública com as partes que foram segregadas internamente. Esse diálogo pode ser guiado por um interesse emancipatório — um interesse em superar as repressões sociais com formas patológicas ou a dominação política — e pode resultar em uma transformação social e

política prática, mas o poder crítico é inerente ao *insight* crítico, especificamente em um processo de iluminação comunicativa e racional.

Por isso, nesta obra, Allen defende a necessidade de revisar a leitura habermasiana a respeito da psicanálise, a qual teria influenciado boa parte dos objetivos e estratégias metodológicas da crítica social em figuras posteriores como Axel Honneth e Robin Celikates — embora cada um tenha implementado suas próprias variações e correções. Ao focar na inteligibilidade de conteúdos simbólicos e na recomposição de relações comunicativas distorcidas, Habermas teria solidificado uma interpretação da psicanálise unilateralmente racionalista, deixando de lado a dimensão afetiva impregnada nos bloqueios à experiência subjetiva, bem como sua importância na liberação de potenciais criativos, tanto em reelaborações da compreensão individual quanto na rearticulação da estrutura institucional da sociedade (ALLEN, 2020).

Segundo a autora, o método crítico desenvolvido por Habermas em *Conhecimento e Interesse*, enxergaria a psicanálise como um processo de iluminação que funciona por meio de uma reflexão crítica e racional, sendo essa a maior objeção de Allen a Habermas: o modo como o seu projeto repousa sob uma base racionalista de interpretação dos métodos psicanalíticos. Por conseguinte, de acordo com a interpretação de Allen, é, no mínimo, problemática uma concepção racionalista da psicanálise, pois, segundo sua leitura de Freud, o processo de análise para uma possível emancipação envolveria mais que apenas um conhecimento analítico, a chave para isso se encontraria em um processo que possibilitasse ao analisando experienciar o inconsciente que emerge pouco a pouco, até conseguir incorporá-lo em seu entendimento prático.

Uma vez que Allen está interessada em reconstruir a intuição, que foi proeminente nos primeiros trabalhos de Habermas, e que foi recentemente revivida sobretudo por Celikates, de que a psicanálise oferece um modelo frutífero para a metodologia da teoria crítica, existe também certa preocupação de que as interpretações da psicanálise que esses teóricos oferecem para apoiá-la sejam excessivamente racionalistas e cognitivistas. Nenhum de seus relatos leva suficientemente a sério o papel da transferência no método psicanalítico. Como resultado, eles nem mesmo abordam — muito menos respondem — a questão de que papel algo semelhante a fenômenos de transferência pode desempenhar no projeto de crítica. Assim, o objetivo, sobretudo do capítulo cinco de *Critique on the Couch*, é rearticular essa analogia entre o método psicanalítico e o crítico a partir de uma compreensão menos racionalista e menos cognitivista do primeiro.

Certamente, como a própria Allen ressalta, pode-se estar inclinado a dizer que enfatizar a centralidade da transferência para o método psicanalítico mina a própria possibilidade de modelar a crítica à psicanálise. Afinal, pode-se muito bem perguntar o que poderia servir como o equivalente funcional para a transferência na teoria crítica? Como Allen argumenta em seu livro, a melhor maneira de começar a entender isso é entender a transferência em termos estruturais e não relacionais. Em termos estruturais, a transferência refere-se não tanto ao processo de transferência de vínculos afetivos ou investimentos para a pessoa do analista, mas à emergência, no contexto da análise, do modo de o analisando vivenciar o mundo como precisamente isso — uma maneira idiossincrática de vivenciar o mundo que ele mesmo criou. Por meio dessa emergência, esse padrão de experiência é aberto à transformação prática. Quando a transferência é compreendida dessa forma, sua ressonância com um modelo de crítica entendido como um processo de desnaturalização pelo que era tido como dado, revela-se antes como o produto contingente da construção histórica e social, processo que simultaneamente abre o espaço social à transformação.

Ainda assim, como explica a autora, pode-se temer que usar o modelo de transferência neste contexto implicitamente a comprometa com a ficção problemática de um sujeito social total e integrado, semelhante ao indivíduo que se engaja no tratamento psicanalítico. E, de fato, essa preocupação aponta para um importante descompasso entre psicanálise e teoria crítica: os indivíduos decidem entrar no tratamento analítico, enquanto as sociedades como um todo —

mesmo aquelas profundamente perturbadas, talvez especialmente as profundamente perturbadas — não buscam a teoria crítica.

Embora seja verdade que ela não aborde esse problema no livro, Allen sinaliza que se poderia ao menos começar a fazê-lo estando mais atento à relação entre crítica e movimentos sociais. Movimentos ou lutas sociais dão voz à indignação afetiva, ao sofrimento sentido e ao desejo de transformação de grupos de indivíduos marginalizados ou oprimidos; neste sentido, poderiam ser vistos como análogos ao analisando em busca de tratamento. Se a teoria crítica estabelece uma relação simpática, embora não acrítica, com os movimentos sociais emancipatórios, então o análogo do diálogo psicanalítico através do qual a transferência opera não seria um diálogo entre teóricos críticos e a sociedade como um todo, mas entre teóricos críticos e os agentes sociais coletivos que já estão engajados em lutas por mudanças sociais progressivas — exatamente como Robin Celikates argumenta em *Crítica como prática social*.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, pretendeu-se analisar o modo como Habermas apreende a psicanálise em *Conhecimento e Interesse*, chamando atenção para a sua importância no desenvolvimento dos trabalhos de integrantes da Teoria Crítica contemporânea, sobretudo nos nomes de Robin Celikates e Amy Allen. Gostaríamos, dessa forma, de retomar alguns pontos da trajetória de Habermas, que o levaram a propor uma releitura da psicanálise como uma forma particular de discurso hermenêutico crítico, bem como os argumentos mais fundamentais de Celikates e de Allen relacionados ao projeto habermasiano.

Conforme foi apresentado, a psicanálise apresenta, segundo a compreensão de Habermas, intuições satisfatórias ao processo de emancipação do sujeito frente aos elementos traumáticos por ele reprimidos. Isso se dá, uma vez que, por um lado, no autoesclarecimento de sua prática clínica, ela evita assumir o conhecimento objetivante e distanciado sobre os estados no mundo humano e busca auxiliar o autoconhecimento do próprio analisando. Por outro lado, em vez de apenas confirmar a autoelaboração e a produção de sentido do paciente, ela possui seu foco na superação dos limites ao autoconhecimento — encontrados em estruturas repressivas existentes na própria constituição psíquica que distorcem e impedem o acesso a materiais simbólicos significativos.

A partir disso, vimos como Habermas propôs a releitura da psicanálise como crítica hermenêutica, da qual poderíamos extrair princípios elementares para o desenvolvimento de metodologias adequadas ao interesse emancipatório, o qual busca não apenas orientar processos de autoconhecimento através do diálogo clínico, mas superar os bloqueios de acesso do sujeito às suas próprias experiências subjetivas, tendo, como objetivo, portanto, a superação dos entraves comunicativos. Com isso, a psicanálise se inscreveria na herança hermenêutica, mas daria um passo além: não se restringiria apenas a identificar omissões e conteúdos velados, mas a identificar os mecanismos que operam essas mesmas omissões e, em alguma medida, superá-los por meio de um processo reflexivo de consciência de si.

Uma vez que toda teoria é passível de críticas, com a teoria habermasiana não foi diferente. Pode-se perceber isso na obra *Critique on the Couch* (2020), na qual Amy Allen tece suas críticas ao método crítico desenvolvido por Habermas em *Conhecimento e Interesse*, argumentando que seu projeto enxerga na psicanálise um processo de iluminação que funciona por meio de uma reflexão crítica e racional, baseando-se, sobretudo, em uma base racionalista de interpretação dos métodos psicanalíticos freudianos. Por outro lado, vimos também que o projeto habermasiano encontrado em *Conhecimento e Interesse* é defendido por outro teórico crítico pertencente à quarta geração da teoria crítica: Robin Celikates. Em sua obra *Kritik als soziale Praxis* (2009), Celikates defende o modelo encontrado na obra habermasiana como capaz de evitar um objetivismo sociológico que

ignora a autocompreensão dos agentes, assim como os limites de uma perspectiva hermenêutica preocupada estritamente com a dotação de sentido entre agentes socialmente inseridos, sem se perguntar por suas constrações sociais, desenvolvendo assim um modelo de crítica social, que ele chama de “diálogo entre teóricos e participantes”.

Por fim, cabe ressaltar ainda que, mesmo que algumas críticas tenham sido feitas à teoria habermasiana e algumas perguntas cabíveis não tenham sido respondidas por Habermas com suficiente exatidão (GADAMER, 1997), a exemplo do modo específico como as distorções comunicativas de autoelaboração do sujeito seriam traduzidas aos termos de um modelo crítico de mais amplo alcance, orientado à identificação e superação de patologias sociais de caráter estrutural, *Conhecimento e Interesse* é um livro que mantém, inegavelmente, sua importância renovada no meio filosófico atual. Habermas não escreveu *Conhecimento e Interesse* para criticar a pesquisa convencional feita nas ciências sociais, mas para combater uma compreensão cientificista dessa práxis, de acordo com a qual outras abordagens, sobretudo as interpretativas e as críticas, deveriam ser banidas da atividade científica séria. No entanto, visto que tais combates metateóricos permaneceram improdutivos, ele abandonou logo a seguir o projeto de justificar a teoria crítica da sociedade, em primeira linha, nos termos da metodologia e da teoria do conhecimento, dedicando-se às questões substanciais de uma teoria da ação comunicativa.

Referências bibliográficas

- ALLEN, A. *Critique on the couch: why critical theory needs psychoanalysis*. New York: Columbia University Press, 2020.
- BELO, F. *A primazia da alteridade: Interlocuções entre psicanálise e pragmatismo*. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2003.
- BRESSIANI, N. Uma nova geração da teoria crítica. *Discurso*, v. 46, n. 1, 2016, pp. 231-250. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2016.119162>.
- CARRÉ, L. ; ALVARENGA, R. *Théorie Critique*. *Dictionnaire de théorie politique*, 2008.
- CELIKATES, R. *Kritik als soziale Praxis. Gesellschaftliche Selbstverständigung und kritische Theorie*. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2009.
- FREUD, S. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. In: _____. *Gesammelte Werke*. V. XV. Londres: Imago, 1940-1952.
- GADAMER, H.-G. *Verdade e Método I: Traços Fundamentais de Uma Hermenêutica Filosófica*. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco, 2014. (Coleção Pensamento Humano)
- HABERMAS, J. *Conhecimento e Interesse*. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.
- HONNETH, A. *Reification: A New Look at an Old Idea*. Edited by Martin Jay. New York: Oxford University Press, 2008.
- LOURO, P. G. Celikates, Robin (2018), Critique as Social Practice: Critical Theory and Social Self-Understanding. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 123, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/11378>.
- MCCARTHY, T. Psychoanalysis and Social Theory. In: _____. *The Critical Theory of Jürgen Habermas*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1985.
- PIERCEY, R. Ricoeur's Account of Tradition and the Gadamer Habermas Debate. *Human Studies*, vol. 27, 2004, pp. 259-280.

REPA, L. Prefácio. In: HABERMAS, J. *Conhecimento e Interesse*. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.

ROUANET, S. P. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.